

Índice

“As respostas da razão devem satisfazer o coração” 1

“As respostas da razão devem satisfazer o coração”

Zena Hitz é filósofa e ensina Ciências e Literatura no St. John's College de Annapolis (Maryland, Estados Unidos). Fez Estudos Clássicos em Cambridge e doutorou-se em Princeton no ano de 2005. É especialista em Aristóteles, e em temas como virtudes, o caráter, a ética, a política, as pessoas, o fundo do nosso armário e a ação humana em toda a sua repercussão social. É conhecida pela sua defesa pública da autoaprendizagem e da educação liberal.

O seu livro [“Pensativos. Los placeres ocultos de la vida intelectual”](#) (Ediciones Encuentro; ver “Aceprensa”, outubro 2022) fez agitar as águas do conformismo académico e teve amplo eco nos meios de comunicação, porque abre interrogações sobre as inércias, tem um discurso claro, dá primazia ao senso comum sobre os trilhos do pensamento único generalizado e provoca com elegância uma potente disrupção.

O seu discurso liga páginas, livros, vozes, pensamentos, liberdade, coração, pessoas, realismo e transcendência. As suas propostas são um cinzel contra os prismas que veem o mundo em blocos uniformes e contra a tirania cinzenta monocromática da corrente imperativa e oligárquica da argumentação vigente na Internet.

A partir dos Estados Unidos salpica a opinião pública liderando serenamente uma corrente-dique que se revolta com razões contra um ecossistema de modos de pensar o mundo no qual as ideias alternativas se desvanecem, sepultadas pelo poder dos interesses muitas vezes alheios à verdade sobre os seres humanos e sobre as coisas.

“Pensativos” já está traduzido em sete línguas removendo inquietações, com o dom de acender luzes nos nossos pontos de interrogação. Em janeiro, publicou um novo ensaio – “A Philosopher Looks at the Religious Life” – onde coloca o foco das suas reflexões em torno da ascética cristã e a sua marca na vida quotidiana.

Linha de argumentação Maryland-Madrid. Um voo sereno no *airbus* da vida intelectual agradável e brilhante vai efetuar a sua saída. Descolamos em inglês *as we can...*

— **O livro “¿Pensativos” é um stop para o mais profundo do ser humano de modo a gerar um reset?**

— Qualquer regeneração surge a partir das nossas profundezas. Por isso, é importante “abastecer” o nosso interior com livros, arte, música, imagens, ideias e reflexões sobre a experiência. Não gosto do termo *reset*, porque soa a simples novo começo, pois o certo é que temos de nos renovar constantemente, sobretudo quando nos enredamos demasiado por dentro e quando a narrativa da nossa vida deixa de fazer sentido.

— **Por que é que a vida intelectual nos alimenta, mas não tem prestígio?**

— Daí ser necessário renová-la... Operamos no âmbito do prestígio, que se converteu numa alavanca necessária, mesmo para as coisas boas. A verdade é que nos distraímos com o prestígio e perdemos de vista aquilo que nos alimenta, que é o que mais nos importa. As fontes das coisas que nos importam são como rios subterrâneos: se perdemos o contacto com elas, ficamos secos.

— **Muitos influencers convidam-nos a fazer o que nos dita o coração como se a emoção e a paixão fossem os**

melhores guias da nossa biografia e as razões fossem o que menos interessasse.

— Confundem um facto inevitável com um princípio moral para concluir que só posso fazer aquilo que quero. Por vezes, estamos limitados pelos nossos próprios desejos. A emoção e a paixão sozinhas e em si mesmas são um caos. Devem avançar guiadas pela razão e moldadas para objetivos racionais. É a grande intuição de **Platão**.

— **Outros insistem em ignorar o peso das emoções e das paixões, como se todas fossem más e contaminassem a razão, num intelectualismo que, na realidade, também ignora o homem.**

— É outro erro. As emoções e as paixões são um caos, mas a razão também pode sê-lo. Trata-se de um raciocínio aberto e honesto, procurando a verdade, ou estamos a falar de um processo racional que tende para uma conclusão pré-fixada a priori? Muitos defensores da racionalidade pretendem fazer o primeiro, mas efetivamente estão a fazer o segundo. A razão baseada nos preconceitos é somente uma paixão com molho de salada. Precisamos de um raciocínio real e aberto, guiado pelo nosso compromisso apaixonado com a verdade e o bem.

— **O essencial acontece no coração ou na cabeça?**

— O coração é o guia da cabeça. No final, pensamos sempre numa direção. Mas nem tudo se encontra no coração. Essa exclusividade é o erro dos sentimentalistas e dos que idolatram as paixões. De qualquer forma, o verdadeiro perigo para o reto caminhar por esta vida não é nem a primazia sem alma da razão, nem o populismo das paixões, mas procurar progredir em piloto automático guiados exclusivamente pelo pré-determinado, pelo fácil e pelo cómodo. É provável que ninguém queira passar o dia entre as redes sociais e as plataformas de *streaming*, mas fazê-lo é muito cómodo e seguir esse parâmetro converteu-se num modo de estar no mundo por defeito.

Todas as coisas que realmente nos interessam e que nos fazem crescer exigem disciplina. Essa é a eterna reivindicação dos defensores da razão: os nossos desejos e paixões necessitam de ser moldados, guiados e restringidos. Vemo-lo com naturalidade por detrás de cada êxito desportivo, ou no amor verdadeiro. Partilho com **Sócrates** a sua defesa da necessidade de raciocínio e conhecimento para fundar uma razão prática que nos ajude a viver em sociedade, mas também considero que as respostas da razão devem satisfazer o coração. Por isso, é importante que todas as faculdades humanas respondam, em conjunto, às perguntas definitivas sobre a nossa vida.

— **O que é o equilíbrio e o que tem a ver com a sabedoria?**

— Não é muito claro para mim se o equilíbrio em si mesmo tem muito valor... Explico. Na sua famosa discussão sobre a *aurea mediocritas*, **Aristóteles** diz que não existe meio termo para vícios como o adultério ou o assassinio. Não há equilíbrio para

as coisas nocivas, nem entre o que é nocivo e o que é são. Qualquer vida que inclua 20 % de paixão pelo crime, dependência de um vício ou mania pela autodestruição, nunca irá moldar uma biografia equilibrada. Aquilo que ordena a nossa vida é o nosso objetivo final. O que dá estabilidade à nossa biografia é que os nossos atos respondam, do modo mais coerente possível, ao objetivo que nos propusemos atingir na nossa vida e ao tipo de pessoas que queremos ser. Certamente, todos temos a experiência de que vivemos numa tensão entre os nossos valores mais elevados e as nossas distrações. Ou avançamos, ou recuamos. Para mim, é cada vez mais claro que a sabedoria significa saber o que é o mais importante e aceitar com honestidade até que ponto podemos alcançá-lo por nós próprios.

— **As redes sociais propiciaram o crescimento das vidas duplas: o que vivemos e o que mostramos que vivemos. Como podemos prestigiar a relevância da vida interior?**

— Isso talvez seja um paradoxo, embora se entenda a pergunta. No momento em que a vida interior tiver prestígio, irá converter-se noutra identidade de consumo, numa posição superficial ou numa pretensão permanentemente imposta. Tenho dúvidas de que possamos prestigiar a interioridade sem esvaziá-la.

A forma tradicional de preservar a interioridade é fazê-lo através de instituições especiais que operam fora do sistema de mercado: instituições religiosas ou educativas, por exemplo. A título de exemplo como modelo de interioridade, há a vida dos monges contemplativos, que nunca tiveram tanto prestígio como os cortesãos ou os comerciantes ricos; mas existe um respeito são por essas vidas afastadas, sábias, alheias ao ruído mundano e centradas no cultivar das forças interiores, e isso é um modo de admitir que a interioridade importa, que é mesmo o que mais importa. A nossa cultura deve ser heterogénea, porque a variedade ilustra a beleza das coisas criadas. Nesse sentido, é muito interessante apostar nas últimas realidades, ainda que não seja possível comprá-las ou vendê-las. Isso foi entendido perfeitamente por **Adam Smith** quando defendia a necessidade de uma educação generalizada para combater os efeitos desumanizadores da divisão do trabalho. Infelizmente, os seus apoiantes modernos esqueceram-se desses aspetos essenciais.

— **Na sua história pessoal, a vida interior e a sua defesa têm muito a ver com a experiência da fragilidade. Quando nos sabemos vulneráveis, será que crescemos misteriosamente por dentro?**

— Diria de outra maneira: o medo da fragilidade – da morte, da doença, da humilhação... – trava o nosso crescimento. Talvez sem que nos demos conta, colocamos enormes obstáculos internos e externos para conseguirmos não ter de enfrentar a nossa fragilidade. Em geral, as pessoas da classe média e com vida relativamente confortável vivem numa rede de fantasias e enganos que viram costas à nossa verdade intrínseca. A experiência é crescermos quando somos vulneráveis, porque é na altura em que estamos em contacto com a realidade. Ninguém

pode avançar se estiver preso numa ilusão. O crescimento da aprendizagem deve partir da verdade sobre si próprio.

— **Por que razão o pensamento nos ajuda a sermos mais livres, até do juízo dos outros?**

— Falávamos há pouco do império da facilidade e do que é confortável nas sociedades do bem-estar. Ora: a maneira mais fácil, mais confortável e mais automática de viver, é fazê-lo com a obsessão única de satisfazer sempre os outros. Podemos passar a vida a atuar em torno da autoexigência de satisfazer os nossos pais, os nossos professores, os nossos chefes e supervisores, os nossos amigos, os nossos cônjuges... Podemos passar a vida inteira a tentar ser o que eles querem que sejamos. Nesse modo servil de sobreviver tem um papel protagonista, igualmente, o medo do conflito, de afligir, de decepcionar.

O pensamento e a reflexão desenvolvem-nos como pessoas. As nossas capacidades mentais podem permitir-nos que nos juntemos a comunidades alternativas, a pessoas do passado, a escritores de todo o mundo, a quem quer que tenha um interesse ou uma experiência partilhada com quem queiramos estar em sintonia. No livro chamo a isto “vida interior”, mas na realidade é outro modo de ligação aos outros. Precisamos desenvolver os nossos próprios recursos para poder pensar e imaginar outras possibilidades para nós próprios e encontrar o valor para viver as tonalidades dessas possibilidades.

— **A bondade, a verdade e a beleza continuam a ser operativos transcendentais no século XXI?**

— Para ser sincera, não estou absolutamente certa disso. Sigo [George Steiner](#) na sua explicação do transcendente. Para ele, a arte e o pensamento exigem o transcendente, ainda que essa exigência possa ser tanto uma ausência como uma presença. Isso serve-me para entender o valor das obras obscuras. Por acaso “Macbeth”, de [Shakespeare](#), trata da verdade, da beleza ou da bondade? Será que abordam essas questões os romances napolitanos de [Ferrante](#)? Insisto: não estou certa disso. Penso que esses textos, e muitas obras artísticas, procuram algo mais, porque procuram oferecer ferramentas que nos ajudam a compreender a realidade das pessoas e das coisas, e fazem-no com gravidade e seriedade. Os perigos do século XXI não são a maldade, a mentira ou a fealdade. O verdadeiro perigo do nosso tempo é esta espécie de frivolidade que consiste em não levarmos a sério a transcendência. Se não procurarmos a transcendência, seja qual for o resultado, iremos perder a arte, o pensamento e todos os frutos da cultura humana.

— **Quais são os prazeres ocultos da vida intelectual?**

— Os prazeres ocultos da vida intelectual são as alegrias da atividade intelectual que não exigem resultados exteriores. Desde que saiu o meu livro, muitas pessoas contaram-me histórias de avós ou tios que viviam uma vida simples perante os outros, mas que alimentavam sérios interesses intelectuais na literatura, na ciência ou na história. E eram muito felizes

assim. A vida oculta da aprendizagem é o que importa, aquilo que justifica até o trabalho académico mais reservado. Pensamos que a vida intelectual é importante pelo seu impacto público, mas o impacto é, na realidade, uma distração do valor real do pensamento.

— **Será possível ser protagonista da cultura, sem vida interior e sem vida intelectual?**

— Não é possível. A cultura tem de ser alimentada a partir do interior das pessoas. Caso contrário, vamos deparar com uma prevalência do que vemos hoje com esta “cultura” de consumo onde se compram e vendem posições e identidades. A cultura sem mundo interior é o que **Hobbes** designava de “guerra de todos contra todos”.

— **A universidade estará à altura deste contexto?**

— Não. A universidade é um desastre. De qualquer forma, as instituições académicas continuam a acumular muitos recursos que serão difíceis ou impossíveis de substituir. Espero que venhamos a ter rapidamente uma reforma de acordo com as necessidades nas universidades de todo o mundo, a qual possibilite manter viva a vida intelectual das gerações futuras. Se isso não acontecer, teremos de tentar construir e preservar estes recursos fora das universidades e, de momento, isso acarreta perdas enormes e permanentes para qualquer entidade que se proponha suprir as carências universitárias com solvência.

— **Afirma que “a leitura é o grande ato de autolibertação do indivíduo”. Que leituras recomenda para que comecemos a libertar-nos como pessoas, nadando o melhor possível numa sociedade líquida?**

— Evidentemente, recomendo os clássicos, os diálogos de **Platão** sobre o julgamento e a morte de **Sócrates**, os grandes romances russos, a “Bíblia” hebraica, etc.

Também encorajo a que se faça a leitura de livros de memórias mais contemporâneas que podem inspirar-nos profundamente. A autobiografia de **Malcolm X** – “The Autobiography of Malcolm X” – é uma das minhas favoritas, tal como a de **Huey Newton**, “Revolutionary Suicide”. “Black Boy”, de **Richard Wright**, também nos conta uma história de autolibertação através da leitura. Ler a sério tem muito a ver com contracultura. Encontrar o caminho próprio através da literatura de que gostamos muito, já é uma recompensa.

— **Que realidades contemporâneas são um obstáculo à nossa capacidade de pensar e desfrutar da vida intelectual?**

— A Internet é uma grave e profunda ameaça para o desenvolvimento intelectual e criativo da nossa humanidade. Logicamente, não podemos rejeitar todas as coisas boas propiciadas por qualquer avanço tecnológico, mas devemos ser capazes de desenvolver – individual e coletivamente –

estratégias de uso que atenuem o seu poder destrutivo e nocivo para cada um de nós, antes que seja demasiado tarde.

— ***Seremos menos democráticos se abandonarmos as humanidades?***

— Não é preciso falarmos de um cenário futuro: já somos muito menos democráticos por culpa de termos abandonado as humanidades! A educação orientada exclusivamente para a formação laboral pretende apenas formatar as próximas gerações e prepará-las para servir os senhores das grandes empresas que dominam o planeta. Trata-se de um modelo educativo simples que está dependente do interesse manifestado em que a escola seja uma oficina onde se aprendam os trabalhos que eles decidiram serem necessários para a implementação dos seus negócios. Já perdemos a nossa própria voz para decidir como devem funcionar as nossas comunidades. Recuperar as humanidades irá servir-nos para reconquistar a voz que nos roubaram.

— ***O Google mudou a forma como assumimos o conhecimento?***

— Evidentemente! O Google causou muito dano ao nosso conceito de conhecimento. Agora, o conhecimento converteu-se no que diz uma autoridade sem nome e sem provas. O verdadeiro conhecimento exige a nossa própria compreensão pessoal da verdade de alguma coisa, e isso implica analisar, demonstrar e descobrir por nós próprios. É aterrador pensar até que ponto os jovens – e os menos jovens – dão já por adquirido não ser necessário contrastar as coisas, encontrar evidências e ponderar o peso das verdades por si próprios.

— ***A sua história pessoal – tragédia, conversão, reinício – é, talvez, o ingrediente mais original do ensaio. Se as ideias que trazemos ao mundo não brotam da nossa própria experiência, teremos caído na atitude intelectual, sem recurso a um anzol?***

— Por aquilo que oiço, o relato da minha história pessoal é a parte do livro que mais ajuda as pessoas. Antes de escrever, li alguns dos clássicos deste género, como “*Muße und Kult*”, de [Josef Pieper](#), ou “[La Vie intellectuelle, son esprit, ses conditions, ses méthodes](#)”, de **Antonin-Dalmace Sertillanges**. Estes livros antigos estão escritos com uma autoridade e uma honestidade académica que hoje se encontram em perigo de extinção. A minha cuidada educação ou a minha longa experiência profissional não me dão nenhum realce especial para expor os meus argumentos. Isso pode ser algo bom, na realidade, porque nos obriga a falar com o nosso público ao mesmo nível, olhos nos olhos. Ao começar estas memórias, queria que o leitor soubesse aquilo que sou e o que vivi, e que depois escolhesse aquilo que o convencer ou servir. Grande parte da comunicação à qual temos acesso atualmente é manipuladora. Falam-nos constantemente como se não pudéssemos entender os motivos ou as razões para considerarmos mudar uma opinião. Preferi escrever convidando os leitores a pensar por si próprios. Se a vida intelectual é uma necessidade humana, qualquer pessoa deveria ser capaz de apreendê-la

sem ter de se remeter às autoridades, nem se submeter à obrigação de comprar qualquer ideia a qualquer preço.

A. S. L.